

Mau tempo encerra ETAR

O mau tempo, que abalou a Região na segunda-feira passada, causou graves prejuízos à Estação de Tratamento de Águas Residuais (ETAR), em Câmara de Lobos, originando o seu encerramento. O mar entrou no edifício e, segundo Gabriel Ornelas, presidente da Câmara Municipal local, as reparações da infra-estrutura poderão ascender aos milhares de contos.

«Neste momento, ainda não há condições para intervir e fazer o levantamento concreto dos danos causados», salientou o autarca ao nosso matutino, acrescentando que, para tal, a ondulação do mar tem de ser mais calma do que aquela que tem vindo a se manifestar nos últimos dias. Todavia, é possível constatar que, a nível eléctrico, as máquinas estão todas paradas, que muitos tubos estão danificados e que existem filtros entupidos, o que evidentemente traduz a situação catastrófica que abalou a Estação.

Apesar de constituir um problema de poluição para a freguesia de Câmara de Lobos, já que os resíduos serão atirados para o mar sem serem previamente tratados, Gabriel Ornelas garantiu ao DIÁRIO que esta situação não coloca em causa a população residente na zona: «Se estivéssemos em plena época balnear, talvez esta situação pudesse provocar alarmes a nível da saúde pública, mas nem é o caso nem o próprio mar permite o mergulho, dado a sua ondulação. Embora cause poluição, é necessário ter em conta que este caso ilustra uma solução alternativa e provisória, que já está a ser tratada pelas entidades competentes», concluiu.

S.F.

Acode apoia Curral

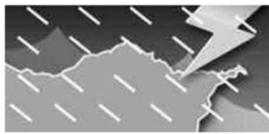
A Associação ACODE lançou, ontem, uma campanha de solidariedade social para as vítimas do temporal na freguesia do Curral das Freiras. A iniciativa assenta, de acordo com o presidente da associação, Sérgio Abreu, na recolha de bens alimentares, vestuário, electrodomésticos, brinquedos e donativos monetários que depois serão reencaminhados aos lesados.

Já foram recebidas algumas ajudas. Se estiver interessado em colaborar com esta causa, poderá contactar directamente a associação através do telefone 291221643 ou mediante o endereço www.acode-associacao.pt. Por outro lado, está aberta uma conta no BANIF, 001-2056925401/10, à espera de ajudas.

S.F.

SEIS CASAS CORREM PERIGO NO PICO FURÃO

Dezasseis pessoas evacuadas no Curral



• O número de desalojados do Curral das Freiras subiu para 120. Ontem, dezasseis pessoas foram obrigadas a sair de casa, no Pico Furão, pois as derrocadas puseram em risco o terreno onde estão implantadas.

Ontem, no Curral das Freiras, 16 pessoas foram evacuadas por ordem da Secretaria Regional do Ambiente e Recursos Naturais. O secretário da tutela, Manuel António, assistiu à operação e justificou que ela foi necessária para salvaguardar a vida dos moradores do Pico Furão. O número de desalojados da freguesia subiu assim para 120.

Desde segunda-feira, várias quebradas de grande dimensão fragilizaram a pequena fajã onde se situam as seis casas afectadas, que correm sérios riscos de cair.

No local, como pudemos comprovar, alguns terrenos agrícolas foram já "tragados". Uma vereda — única forma de se chegar às habitações — foi destruída por uma derrocada recente. Mediante este cenário, a Secretaria do Ambiente e Recursos Naturais não hesitou e ordenou a evacuação.

«Perante dois valores, a vontade que as pessoas mostraram em ficar e a sua segurança, foi necessário actuar. A dúvida quanto à segurança é suficiente para agir», explicou Manuel António, acrescentando que os populares que ontem à tarde abandonaram as casas iriam ser instalados na Casa do Povo e no Centro Paroquial, onde os esperava «um tecto, comida, apoio médico e psicológico».

Ontem, técnicos do Laboratório Regional de Engenharia Civil (LREC) iniciaram análises geotécnicas para perceber qual será o comportamento do maciço rochoso sobre o qual estão as casas e os terrenos agrícolas. Ainda não se sabe quando estarão concluídas. Só nessa altura será possível definir datas para um regresso, aguardado pela maioria dos moradores do Pico Furão.

O director do LREC, Delfino Gonçalves, que também esteve no local, afirmou ser necessário esperar. E não garantiu que existam soluções técnicas para travar a queda do maciço.

No Pico Furão o ambiente era de alguma consternação. Agostinho Camacho foi um dos morado-



Muitos moradores do Pico Furão abandonaram as casas contrariados. Apesar do medo.

res que mais reticências colocou quando lhe foi pedido para abandonar a casa. «Tenho tanta coisa aqui, tenho de alimentar os animais, por isso, só desço à tardinha, para não passar cá a noite», disse, acrescentando que «canalhina podia ir andando».

Agostinho acabou por não descer, o que restava da vereda, na companhia das assistentes sociais que "lideraram" a opera-

ção. Mesmo assim, prometeu que, «à noitinha», ia para baixo. Para se certificar que a promessa era cumprida, homens da Protecção Civil tencionavam subir ao pico antes do anoitecer.

Maria Claudina de Jesus era outra das resistentes. Por entre lágrimas revelou estar habituada aos rigores do Inverno. Já teve «de fugir várias vezes, com o pequeno às costas, pela vereda abaixo». A ex-

periência parece que lhe tirou o medo. Mesmo assim, revelou que desde segunda-feira já tinha dormido em casa de uma vizinha e de uma cunhada».

Clara dos Anjos que vive com mais cinco familiares, estava mais tranquila na hora de abandonar a casa. «Tenho tido medo. Há dias que dormimos numa loja à beira da ribeira». Por isso, partiu para casa de uma nora com toda a família.

Claudina e Clara, acompanhadas por mais 13 vizinhos e familiares, foram transportadas por uma carrinha da Casa do Povo do Curral e por um jipe dos Bombeiros de Câmara de Lobos.

Na Casa do Povo e no Centro Paroquial teriam a companhia de cerca de 50 dos 120 desalojados da freguesia, provenientes, na sua maioria, dos sítios das Balseiras e Terra Chã.

À hora de almoço, a azáfama era grande na Casa do Povo. Virgínia Espírito Santo, de 80 anos, preparava uma refeição para 100 pessoas. Arroz, chouriço, cebola e verduras para matar a fome a muitos dos que perderam quase tudo. Menos a esperança, reavivada por técnicos do Instituto de Habitação da Madeira que ontem, logo às 9:00 horas, começaram a atender os desalojados.

Enquanto esperava a sua vez, Maria Viera, doméstica, disse ter «perdido tudo o que tinha». Sem saber quando sairia da Casa do Povo, onde dorme há duas noites, acrescentou não ter lugar para ir com o marido e os quatro filhos.

João Fernandes, de 72 anos, disse viver com o rendimento mínimo. «Não sei quando é que vou embora. Vou ficar na Casa do Povo até ter onde morar. O tempo é quem manda».

«Nunca tive tanto medo na vida» e «perdi tudo o que tinha» foram as expressões mais ouvidas pelos técnicos do IHM. O desejo de morar num lugar seguro levou uma das desalojadas a prometer que os seus olhos, «se Deus quiser, nunca mais se fecham para dormir nas Balseiras».

Aqueles que agora dormem na Casa do Povo e no Centro Paroquial têm médico, assistentes sociais e psicólogo. A Secretaria Regional dos Assuntos Sociais garante a alimentação, fazendo chegar víveres, diariamente, ao Curral.

Ontem, o caudal da Ribeira das Balseiras normalizou-se. Durante todo o dia decorreram operações para limpar o curso de água. Logo de manhã foi restabelecida a ligação com a Terra Chã. Muitos começaram a limpeza das casas. As velhas rotinas vão, lentamente, restabelecendo o curso normal da vida. Apesar da lama.

GONÇALO SANTOS
gsantos@dnocias.pt

GARANTIA DE MANUEL ANTÓNIO

Técnicos da habitação já estão no terreno

O secretário regional do Ambiente e Recursos Naturais, Manuel António Correia, garantiu ontem que técnicos do Instituto da Habitação da Madeira já iniciaram os levantamentos para encontrar terrenos onde se possam construir casas para os desalojados do Curral das Freiras. Enquanto isso, o IHM está também a

averiguar o tipo de problemas habitacionais que surgiram e as soluções possíveis para os resolver. Estas podem passar por construir casas novas, aproveitar habitações já existentes para arrendar ou auxiliar a reconstrução, através de material, das casas que for possível recuperar.

G.S.